

O MATERIALISMO DO ENCONTRO DE ALTHUSSER

Jean-Claude Bourdin¹

Resumo: Os últimos textos de Althusser defendem a existência de um materialismo chamado materialismo do encontro ou aleatório. Esse materialismo se distingue do idealismo, do materialismo da necessidade e do materialismo dialético. Ele recusa as noções de Origem, de Fim, de Sujeito, a teleologia, o princípio de razão e recusa a negatividade dialética e a contradição. Recorrendo ao léxico de Epicuro-Lucrécio, ele coloca a contingência dos encontros que constituem o mundo (a história, as instituições, os dispositivos). Fortemente inspirado por Maquiavel, Althusser coloca esse materialismo “sob a conjuntura” que abre o pensamento a seu exterior (as lutas de classe). Ele decorre de novas categorias, o vazio, o centro e suas margens, o encontro, os deslocamentos, o todo sob a contingência. Quero mostrar que esse materialismo é mais do que um novo materialismo. Analisando a metáfora do “prato” utilizada por Althusser, compreendo que ele constitui uma lógica *para* o materialismo e *para* o marxismo, apartada de suas teses necessitaristas.

Palavras-chaves: Althusser, Marx, Engels, Filosofia, materialismo, prato ou forma de reflexão, princípio de razão.

LE MATÉRIALISME DE LA RENCONTRE D’ALTHUSSER

Résumé: Les derniers textes d'Althusser défendent l'existence d'un matérialisme appelé matérialisme de la rencontre ou aléatoire. Ce matérialisme se distingue de l'idéalisme, du matérialisme de la nécessité et du matérialisme dialectique. Il récuse les notions d'Origine, de Fin, de Sujet, la téléologie, le principe de raison et refuse la négativité dialectique et la contradiction. En ayant recours au lexique d'Épicure-Lucrèce il pose la contingence des rencontres qui constituent le monde (l'histoire, les institutions, les dispositifs). Fortement inspiré par Machiavel Althusser place ce matérialisme « sous la conjoncture » qui ouvre la pensée à son dehors (les luttes de classe). Il en découle de nouvelles catégories, le vide, le centre et ses marges, la rencontre, les déplacements, le tout sous la contingence. Je voudrais montrer que ce matérialisme est plus qu'un nouveau matérialisme. Analysant la métaphore de l'« assiette » utilisée par Althusser, on comprend qu'il constitue une logique pour le matérialisme et pour le marxisme, dépouillé de ses thèses necessitaristes.

Mots-clés: Althusser, Marx, Engels, philosophie, matérialisme, assiette ou forme de réflexion, principe de raison.

A publicação em 1994, quatro anos antes depois da morte de Althusser, de *Sur la philosophie*², versão francesa de um livro de entrevistas com a filósofa Fernanda Navarro *Filosofia y marxismo*, depois no tomo I dos *Écrits philosophiques et politiques*³ do mesmo ano, de textos permanecidos datilografados, intitulado “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre” e “Portrait du philosophe matérialiste”, bruscamente

¹ Professor emérito de Filosofia na Université de Poitiers, onde foi chefe do departamento de Filosofia. Foi pesquisador no Centre de Recherche sur Hegel et l'Idéalisme allemand. Email: jclbourdin@gmail.com. ISNI: 0000-0001-2131-0938. Tradução do texto por Marcelo de Sant'Anna Alves Primo, professor de Filosofia do CODAP-UFS e do PPGF-UFS.

² Louis Althusser, *Sur la philosophie*, Paris, Gallimard/NRF, 1994. Doravante *SP*.

³ Louis Althusser, *Écrits philosophiques et politiques*, Tome I, textes réunis et présentés par François Matheron, Paris, Stock/IMEC, 1994. Doravante *Écrits I*. Um inédito « Du matérialisme aléatoire » foi publicado na revista *Multitude*, sob a direção de François Matheron, n° 21, été 2005, p.179.

Jean-Claude Bourdin

colocou à tona esta surpreendente noção de “materialismo aleatório” ou “materialismo do encontro”. A surpresa vinha do fato que, desde sua internação no hospital e na clínica, após o assassinato de sua mulher (em 1980), para um leitor que tinha seguido por vezes com interesse e paixão suas publicações Althusser pareceu decidir ficar em silêncio. A aparição do materialismo aleatório ou materialismo do encontro (doravante MA/ME⁴) tinha com o que surpreender, ela dava a impressão que Althusser se fazia de historiador do materialismo e, na leitura desses textos, parecia que ele acrescentava a esta história um novo materialismo. Enfim, lia-se com espanto que esse materialismo estava em ruptura com o racionalismo, do qual participavam os outros materialismos modernos, os do século XVIII, qualificados de “materialismo pronunciado”, e o de Marx e de Engels. A impressão dada por esses últimos textos de uma ruptura em relação a seus trabalhos sobre a dialética materialista e ao fato que ele não pareceu ter modificado ou criticado a concepção marxista da matéria, deve ser relativizada quando é sabido que é nesses anos 1980 que ele redigiu o que aparecerá em *Sur la philosophie*, que o texto datilografado “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre” é de 1982. Podemos remontar ainda mais longe e salientar que, em sua conferência “Solitude de Machiavel” (1977) Althusser credita ao Florentino ter antecipado “a hipótese ao mesmo tempo necessária mas impensável que o Estado novo podia começar não importa onde, *sobre o caráter aleatório da formação dos Estados nacionais*”⁵. Uma anterioridade cronológica maior é exposta por François Matheron, que sublinha que o tema do encontro está presente nas análises sobre a história e o modo de produção em *Pour Marx* e a contribuição de Étienne Balibar, “Sur les concepts fondamentaux du matérialisme historique” em *Lire le Capital*. Ele indica que notas de trabalho de 1966 mostram já um interesse pelas noções de “conjunção (= gênese) (cf. Épicure, clinamen, Cournot)” (*EP I*, 21), de acaso e de “conjuntura” (= estrutura) [...] a filosofia como teoria geral da conjuntura (= conjunção)” (*idem*). Esses conceitos são retomados em seus últimos escritos, de sorte que seríamos tentados a reconstruir com eles uma constância no pensamento de Althusser. Ces concepts sont repris dans les derniers écrits, de sorte qu’on serait tenté de reconstituer avec eux une constance dans la pensée d’Althusser. Enfim, G. M. Goshgarian reduziu

⁴ Devido à tradução, o E de “encontro” em português equivale ao R do termo original em francês “rencontre” em todas as ocorrências no texto (N. do T.).

⁵ Louis Althusser, « Solitude de Machiavel », in *Solitude de Machiavel*, Yves Sintomer éd., Paris, Actuel Marx/Confrontation, PUF, 1998, p. 320. (Sublinhado por L.A.) Mais à frente, retorno sobre a importância que representou para Althusser a leitura de Maquiavel na constituição do MA/ME.

consideravelmente o efeito da novidade do MA/ME, mostrando que ele se insere em uma trajetória constante do pensamento sobre a “centralidade da ditadura do proletariado”, a reflexão crítica sobre as filosofias e o Estado, a determinação de uma nova prática da filosofia e a atualização no pensamento de Marx de uma filosofia do encontro aleatório.⁶

O materialismo do encontro, um novo materialismo ou um terceiro excluído?

De que se trata? Nos textos citados ele apresenta assim seu projeto: anunciar “a existência de uma tradição materialista quase completamente desconhecida na história da filosofia: o ‘materialismo’ (é preciso uma palavra para demarcá-lo em sua tendência) *da chuva, do desvio, do encontro e da tomada*. [...] Para simplificar as coisas, digamos até o momento: um *materialismo do encontro*, logo, do aleatório e da contingência, que se opõe como um outro pensamento aos diferentes materialismos, correntemente emprestado à Marx, à Engels, à Lenin que, como todo materialismo da tradição racionalista é um materialismo da necessidade e da teleologia, isto é, uma forma transformada e disfarçada de idealismo” (*EP I*, 540; sublinhado por L.A. Ver *SP*, 42). A incompreensão que o MA/ME suscitou em alguns se apoiou em alguns representantes desse materialismo enumerados por Althusser. A passagem que é o indício da pouca seriedade que é preciso conceder a esse novo materialismo, diz isto: “[...] um tema profundo que corre através da história da filosofia e que foi logo combatido e repellido aí foi anunciado: a chuva (Lucrécio) dos átomos de Epicuro que caem paralelamente no vazio, a “chuva” do paralelismo dos atributos infinitos em Spinoza, e outros ainda, Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Marx, Heidegger também e Derrida” (*Écrits I*, 539).

Na entrevista com Fernanda Navarro, ele escreve:

Minha intenção, aqui, é de existir sobre a existência de uma tradição materialista não reconhecida pela história da filosofia. A de Demócrito, Epicuro, Maquiavel, Hobbes, Rousseau (o do segundo *Discurso*), Marx e Heidegger, com as categorias sustentadas: as de vazio, de margem, de ausência de centro, de deslocamento do centro para a margem (e vice versa) e da liberdade. Materialismo do acaso, da contingência e, em

⁶ Ver *Philosophie et Révolution. Althusser sans le théoricisme*: entretien avec G. M. Goshgarian in <http://revueperiode.net/philosophie-et-revolution-althusser-sans-le-theoricisme-entretien-avec-g-m-goshgarian/> e G.M. Goshgarian, Introduction à L. Althusser, *Philosophy of the Encounter. Later Writings, 1978-1987*, Londres, Verso, Juillet 2006 », trad. francesa em *Cahiers du GRM* : <http://journals.openedition.org/grm/679> ; DOI : 10.4000/grm.679

suma, do aleatório, que se opõe aos materialismos reconhecidos como tais [...] (SP, 42).

Em uma outra passagem, ele acrescenta o nome de Wittgenstein. Heidegger e Wittgenstein são evocados, o primeiro por seus “desenvolvimentos em torno da expressão “es gibt”, do “é dado assim”, que “se abre sobre uma visão que restaura um tipo de contingência transcendental do mundo” (SP, 41); o segundo para a primeira “esplêndida” proposição do *Tractatus logico-philosophicus*: “die Welt ist alles was das Fall ist” que ele propõe traduzir “o mundo é tudo o que acontece” ou mais literalmente “o mundo é tudo o que nos cai em cima” (SP, 46) que Althusser identifica a um pensamento do acontecimento.

É verdade que para um historiador do materialismo esse bricabraque tem algo de desconcertante: Heidegger recrutado nesta história reprimida do materialismo, reaproximado de Epicuro e Lucrecio, Wittgenstein colocado na mesma linha que Rousseau, Hobbes, Derrida reaproximado de Maquiavel. Quaisquer que sejam as obscuridades e variantes do ultimo Althusser e suas precauções no momento de utilizar o termo “materialismo”, mantido, diz ele também, “por provisão”, eu sustento que as recusas e as críticas de seus últimos trabalhos repousam largamente em um mal-entendido sobre duas questões que ele não cessou de problematizar desde *Pour Marx e Lire le Capital* e de retomar até a conferência de Grenade “La transformation de la philosophie” (1976)⁷: elas concernem, ao mesmo tempo à filosofia ou à forma da filosofia, à existência de uma filosofia de Marx e a relação entre a filosofia e a política. De um lado, pode-se crer que Althusser propôs enriquecer as espécies do materialismo e fazer a obra de historiador do materialismo. É sabido que desde Marx e, sobretudo, Engels, em *Ludwig Feuerbach et la fin de la philosophie classique allemande*, a tradição marxista distingue, de um lado, “materialistas” da Antiguidade, o materialismo ditto “mecanicista” dos séculos XVII e XVIII⁸ do materialismo “dialético” que se afasta do sistema hegeliano idealista, o método dialético, crítico e revolucionário. Althusser viria a complicar esse esquema modificando a totalidade da história destacando uma corrente a qual a genealogia mostra que ela foi – e é sempre – reprimida. Sem entrar na análise da

⁷ Louis Althusser, « La transformation de la philosophie », in *Sur la philosophie, op. cit.*, p. 139-178.

⁸ Mostrei que a caracterização por Engels do materialismo das Luzes (La Mettrie, Helvétius, d’Holbach) como “mecanicista” (*Ludwig Feuerbach*) vem de Hegel, *Logique de l’Encyclopédie*, § 99, add., in *Hegel et les matérialistes français du XVIII^e siècle*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1992, p. 169-170.

“espantosa genealogia” dada por Althusser⁹, deve-se notar que sua apresentação de figuras descontínuas e reduzidas por alguns a um conceito, se opõe à história engelsiana.

A questão fundamental segundo Engels

No momento em que Althusser e seus colaboradores se dão ao trabalho que vai renovar a aproximação de Marx e essencialmente o materialismo dialético (ou a dialética materialista), para os marxistas na França, o materialismo é compreendido a partir de um conjunto de textos de Marx, Engels, Lenin, Stalin. Entre eles, creio que pode-se privilegiar o segundo capítulo de *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie* (1888). Engels se volta à ruptura com o idealismo hegeliano representado por Feuerbach e *L'esprit du christianisme*, e o tipo de materialismo professado por Feuerbach. É neste quadro que ele expõe uma definição do materialismo que se tornará canônica nos materialistas marxistas. Duas afirmações principais podemos destacar :

- 1) A questão fundamental (*Die grosse Grundfrage*) de toda filosofia é a da relação entre o pensamento e o ser ou a posição do pensamento em relação ao ser (*Die frage nach Stellung des Denkens zum Sein*).
- 2) Esta questão fundamental especifica-se sob a seguinte forma : do espírito ou da natureza, o que é primordial ? (*Was ist Ursprüngliche, der Geist oder die Natur?*)¹⁰

A partir daí, dois “campos” se afastam segundo a resposta dada à primeira questão: o idealism afirma o caráter primordial do espírito ou do pensamento, o materialismo coloca que a natureza é a base primordial: na relação do pensamento com o ser é o ser que é determinante. Reconhecer que o pensamento é derivado, subordinado ao ser define uma posição materialista. Poderia muito bem ser retomada aqui esta formula

⁹ André Tosel estudou com fineza a “espantosa genealogia” desse materialismo em “Les aléas du matérialisme aléatoire dans la dernière philosophie de Louis Althusser”, in *Sartre, Lukacs, Althusser, des marxistes en philosophie*, Eustache Kouvelakis et Vincent Charbonnier, dir., Paris, P.U.F., 2005, traduzido em inglês “The hazards of aleatory materialism and the philosophy of the encounter”, in *Encountering Althusser, Politics and Materialism in Contemporary Radical Thought*, editado por Diefenbach, Katja et al. London and New York, Bloomsbury, 2013.

¹⁰ Friedrich Engels, *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie*, in Karl Marx/Friedrich Engels Werke, Karl Dietz Verlag, Berlin, Band 21, 5. Auflage 1975, unveränderter Nachdruck der 1. Auflage 1962, Berlin/DDR, p. 274.

célebre de Marx no Prefácio de *La critique de l'économie politique* (1859): “Não é a consciência dos homens que determina seu ser; é o inverso, seu ser social que determina sua consciência”. Antes de fazer algumas observações, destaquemos que se Engels tem razão de colocar a *grosse Grundfrage* como sendo comum à toda filosofia, decorrer que o idealismo e o materialismo, que dão respostas inversas, aceitam a mesma questão, seu conteúdo impondo-se aos dois campos que formam o *Kampfplatz* (Kant) da filosofia.¹¹ Evidentemente, esta apresentação de Engels não pode ser qualificada de materialista, muito menos de marxista. O que não é uma censura, mas nos convida a nos questionarmos de onde provém esta questão fundamental. Ela é uma interpretação do todo da história da filosofia antecipada retrospectivamente desde “a filosofia moderna”. Dito de outro modo, é recentemente que a filosofia exprimiu claramente o que estrutura toda a história da filosofia como se, chegada a um momento de seu desenvolvimento, ela tinha a capacidade de afastar a verdade disto: as filosofias dividem-se em materialismo e idealism segundo a resposta dada à questão. Se for questionada qual é esta filosofia moderna que teve a clara consciência que uma e única questão, discriminante, se impôs a todas as filosofias, pode ser destacado que, em 1801, Hegel na *Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie* afirmou que é na era moderna que veio a se apresentar, sob o efeito do pensamento abstrato (*Verstand*) as oposições entre o espírito e a matéria, a alma e o corpo, a liberdade e a necessidade, etc., sob uma forma absoluta, a da subjetividade e da objetividade absolutas, que a razão (*Vernunft*) tem, como tarefa, superar em uma totalidade vivente absoluta.¹² Assim, se associarmos a apresentação de Engels à de Hegel, veremos que é uma filosofia particular, quer seja a de Fichte, de Schelling ou de Hegel que reduz a diversidade e as oposições entre sistemas e escolas particulares segundo o modo de responder à grande questão. Em segundo lugar, sempre segundo Engels, o materialismo como idealismo aparecem como filosofias que satisfazem ao princípio de razão suficiente. Dito de outro modo, sua resposta oposta à questão, desempenham a mesma função, a de remontar a um primeiro determinante, originário em si, último, *ursprünglich*, que serve de justificação em última instância ao conhecimento, que assegura a garantia de uma significação última, que dá conta do “porque” das coisas. O

¹¹Eu analisei esta formulação por Engels da oposição do materialismo ao idealismo em “Matérialisme aléatoire et pensée de la conjoncture. Au-delà de Marx”, in *Althusser: une lecture de Marx*, coordenada por J.-C. Bourdin, Paris, PUF, 2008, p. 215-220.

¹² Hegel, *Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie*, édition Lasson I, p. 13-14.

MA/ME nos permite reparar nessa necessidade assumida por Engels de um discurso de verdade fundado no ser ou no pensamento uma estrutura que liga as categorias de origem, de fim, de sentido, de ordem e a certeza que o que existe, o que se passa é o movimento da realização necessária de uma essência. Enfim, se essas observações são exatas, devemos reconhecer que Althusser viu que um materialismo que corresponde ao critério principal de Engels é um idealismo inverso.¹³

A apresentação de Engels é marcada por uma lógica teleológica herdada de Hegel, que apresenta o último materialismo de Marx como ultrapassando as “limitações” do materialismo anterior, ele representa um progresso no pensamento e o aplica na natureza, as formações econômicas e sociais, a história.¹⁴ Em compensação, a seleção operada por Althusser visa a colocar em evidência outra coisa senão a doutrina transhistórica da matéria. O embaraço que ele diz sentir em continuar a falar de “materialismo” é significativo pelo fato de que ele não propõe uma tese historiográfica: após o materialismo atomista da Antiguidade, o materialismo vitalistas de alguns Renascentistas, o materialismo ditto mecanicista das Luzes, os materialismo científicos e, enfim, o materialismo dialético de Marx, Engels, Lenin, etc., chegaria a vez do MA/ME. Com prudência, ele fala de uma “corrente subterrânea”, de uma tradição “reprimida”, “ocultada”. Mas, simultaneamente, ele se situa em uma posição que não somente o opõe ao idealismo mas ao materialismo, introduzindo, assim, um terceiro que desempenha, face ao próprio materialismo, uma função crítica, o que o leva a distinguir um materialismo da contingência de um materialismo da necessidade. Sustentando que o MA/ME foi reprimido, aí compreendido pelo materialismo, que ele chama “pronunciado”, no qual é permitido reconhecer o das Luzes, ele deixa a entender que esse materialismo não é uma espécie ou uma ramificação. No texto datilografado “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre”, é evidente que ele não o considera como uma doutrina (materialista):

Livrar de sua rejeição o materialismo do encontro, descobrir se é possível o que ele implica *e sobre a filosofia e sobre o materialismo*,

¹³ E daríamos razão à Hannah Arendt, que considera que a temática da “reviravolta”, da “inversão” utilizada por Marx para distinguir sua dialética da de Hegel é não somente um procedimento antigo, remonta à Caverna de Platão, mas um jogo intelectual não muito interessante.

¹⁴ Ver Friedrich Engels, *Ludwig Feuerbach, op cit*, p. 278 e seguintes sobre o “matérialisme mécaniste”, sobre o progresso assegurado por Feuerbach e o capítulo IV, p. 291 e seguintes sobre a relação de Marx com Hegel, sua crítica à Feuerbach e o novo materialismo dialético.

reconhecer os efeitos ocultos onde eles agem surdamente, tal é a tarefa que eu queria me propor (*EP I*, 540; sublinhado meu).

Adotar esse materialismo então não é expor e defender uma filosofia contra outra (ou duas outras), mas é produzir efeitos “e sobre a filosofia e sobre o materialismo”. O ME/MA é então o instrument de uma prática do materialismo. Para retomar uma distinção esclarecedora de Pierre Macherey, dir-se-á que o ME/MA não é uma filosofia materialista, mas um modo de fazer filosofia como materialista.

O materialismo do encontro como expressivo da crise do marxismo

Certamente pode denunciar uma abordagem escolar, encerrada na leitura dos textos, ao passo que seria fundado em esperar efeitos sobre outros domínios do saber e da prática do que somente sobre a filosofia e o materialismo. Para responder, seria preciso mostrar que nos anos 1970-1980, após a autocrítica de seu período teorista e o abandono da teoria como prática teórica dominante arquetonicamente as práticas científicas e políticas, após o conceito de marxismo não como filosofia da praxis mas nova prática da filosofia (Lénine et la philosophie, p. 57), Althusser se engaja em uma profunda retomada em causa do marxismo o qual a conferência de Veneza “Enfin la crise du marxisme!” (1978) é o testemunho. A crise do marxismo é sua incapacidade de dar conta da crise do movimento comunista internacional (URSS *versus* China), da extensão do neoliberalismo com as transformações do Estado capitalista mal compreendidas pelo conceito marxista canônico de Estado, enquanto se assiste ao recuo das forças operárias revolucionárias um pouco por toda parte e ao fracasso da conquista do poder pela via de uma aliança eleitoral (Chile 1973), a despeito da Revolução dos cravos em Portugal (abril 1974). Essas derrotas recolocam o problema da articulação da “ciência marxista” e do movimento operário. Enfim, é a época em que Althusser endereça abertamente ao Partido comunista francês, do qual pernamenteu membro malgrado a hostilidade mais ou menos forte contra ele, uma crítica frontal concernente à sua organização (*Ce qui ne peut plus durer dans le parti communiste*, 1978), significando que ele reconhece sua derrota em mudar a política do Partido passando pela discussão sobre a teoria (o marxismo). Não se pode esquecer que a gestação do MA/ME teve lugar em um momento de profunda crise política e teórica que Althusser teve a coragem de formular e enfrentar com as armas da teoria. O MA/ME

pode nos parecer muito abstrato, retornar ao pensamento especulativo que o materialismo de tendência científica tinha buscado ultrapassá-lo, ele exprime, entretanto, a busca de uma renovação do pensamento da política e como diz Althusser sem ambiguidade: “um dia chegará em que os jogos serão para redistribuir, e os dados de novo para lançar sobre a mesa vazia” (EP I, 547). Esta esperança é fundada sobre a ideia que “o materialismo aleatório [é] requisitado para pensar a abertura do mundo para o acontecimento, a imaginação inaudita e também toda prática vivente, aí compreendendo a política” (SP, 46).

O materialismo do encontro e suas teses

Vejam os mais precisamente o que Althusser diz esperar deste ME/MA. Ele intenta três objetivos: dar ao marxismo sua filosofia; buscar um pensamento capaz de enfrentar a crise do marxismo; libertar uma tradição materialista, oposta ao idealismo e ao materialismo, que se desenvolve para além do princípio de Razão. O primeiro, que se inscreve na continuidade de seus trabalhos desde os textos de Pour Marx, consiste em dar ao marxismo sua filosofia. O ME/MA não é, sobretudo, a filosofia marxista enfim encontrada mas uma “filosofia para o marxismo” (SP, 39, sublinhado por L.A.), que esteja à altura dos efeitos que a ciência de Marx (o materialismo histórico) produz no campo da filosofia. O segundo se apresenta como a busca de um pensamento que esteja à altura da crise que afeta o marxismo, o movimento operário revolucionário, as promessas de Outubro, a ligação, em si sempre problemática, da teoria com a luta de classes. Trata-se de encontrar quais são os pontos de ruptura e de recomposição do mundo capitalista. É notável que é estudando o pensamento de Maquiavel, pensamento da conjuntura, “sob a conjuntura” e não “sobre a conjuntura” que Althusser criou os instrumentos de uma crítica da dialética materialista, do marxismo em sua totalidade. O conceito de conjuntura é crucial, torna-se com Althusser o conceito que permite articular o materialismo e a prática. A conjuntura é o sistema contraditório das circunstâncias que coloca o problema político e designa a tarefa prática que está na solução histórica. Este objetivo, longe de ratificar um fracasso da empreitada teórica e política althusseriana, exprime uma consciência aguda e da crise que Althusser foi um dos únicos a encarar, e da necessidade de dispor de um pensamento que discerne na “merda” na qual “os melhores” se debatem, dos pontos de resistência e de libertação. Não se trata mais de buscar em uma ciência das

Jean-Claude Bourdin

formações econômicas e sociais instrumentos de análise de uma conjuntura revolucionária, nem de apoiar-se sobre as iniciativas provenientes da luta das massas; a conjuntura da crise força a mudar a própria orientação da teoria e a substituir o pensamento da contradição dialética por um outro pensamento, o do encontro de elementos não determinados pela totalidade, de elementos que o modo de produção combina (Verbindung) independentemente de sua origem e de sua gênese. Como escreve Étienne Balibar:

A independência relativa e a verdade histórica dos processos de constituição do capital são reunidos por Marx em uma palavra: a constituição da estrutura é uma “descoberta” ; o modo de produção capitalista se constitui “encontrando” (vorbinden) todos encontrados os elementos que combinam sua estrutura [...] Esta descoberta evidentemente não implica nenhum acaso: significa que a formação do modo de produção capitalista é totalmente independente na origem e na gênese dos elementos dos quais ela tem necessidade, que ela “encontra” e que ela “combina”.

O que busca Althusser sob o nome de ME/MA é como elementos *a priori* independentes uns dos outros tomam consistência e dão Nascimento a uma estrutura. O ME/MA é a filosofia que se propõe a seguir o acontecimento de um processo de produção de uma realidade dada e, para isso, se colocar na realização do processo e não no processo realizado ou na reprodução da estrutura. Compreende-se que o atomista epicurista-lucreciano dá a esse materialismo uma lógica própria para conceituar o “encontro aleatório” e não para fazer deste um simples herdeiro daquele. Os conceitos epicuristas, todos submetidos à contingência, elementos, vazio, queda, encontro (clinamen), combinações, dão um mundo ordenado no qual as sequências necessárias se constituem, secundariamente, por “pactos da natureza, naturae foedera”, Lucrécio) que não obedecem a nenhuma finalidade. O MA/ME é a projeção sobre a realidade da lógica epicurista. Esta constitui “o espaço da pura teoria” face ao espaço tornado opaco da prática das lutas de classes, a abertura de um novo começo pela ação e pela teoria. Esse começo é o de uma teoria que coloca a tese de uma ontologia constituída por encontros de elementos, sob a modalidade da contingência. Para sair da crise e recomeçar a filosofia tem necessidade de um espaço no qual o vazio foi feito. Não se trata de retomar as famosas palavras da Internacional “Do passado façamos tábula rasa!”, nem de se entregar a uma dúvida hiperbólica à la Descartes, mas de sair da dominação da necessidade, da submissão à ausência de alternativa, de possíveis. Se seguimos até aqui a empreitada de Althusser

justificando a descoberta do ME/MA, perguntaremos porque é questão de “materialismo” nesta busca de um pensamento que enfrenta radicalmente a perda disso que o marxismo se baseava: uma teoria científica da história e uma lógica da derrocada das relações de correspondência e de expressão no seio de um modo de produção como relações de contradição dialética. Por que continuar a falar de “materialismo”, arriscando a introduzir confusões? Em que sentido o ME/MA é um “materialismo”? O terceiro objetivo tentado por Althusser pode nos ajudar a responder a esta questão e nos permitirá voltar ao segundo.

O MA/ME como “prato”¹⁵

O terceiro objetivo perseguido por Althusser vem a considerar que o ME/MA é o “prato” do qual o materialismo tem necessidade para retomar o estranho termo que ele utiliza. Althusser no “*Courant souterrain du matérialisme de la rencontre*” de 1994:

De Epicuro à Marx sempre subsistiu [...] a “descoberta” de uma tradição profunda que buscava seu prato materialista *em uma filosofia do encontro* [...], logo na rejeição radical de toda filosofia da essência (*Ousia, Essentia, Wesen*), isto é, da Razão (*Logos, Ratio, Vernunft*), logo da Origem e do Fim” (*EP I*, 561).

57

Todas as críticas do ultimo Althusser curiosamente ignoraram esta noção-imagem de “prato”. Se lermos bem, é confirmado na ideia que o ME/MA não é um novo materialismo que, ao mesmo tempo, não é um, ou ainda um materialismo que é um prato para o materialismo. “Mas as teses de Epicuro ainda são elas materialistas?” pergunta Althusser. “Sim, pode ser, sem dúvida, mas com a condição de acabar com esta concepção de materialismo que o torna, no fundo de questões e de conceitos comuns, a resposta ao idealismo”. De que se trata então se essa corrente pode reunir Epicuro e Heidegger?

É um “prato”, diz Althusser. Tentemos passar da imagem a um conceito. Um prato é o que dá uma base a elementos, conceitos, categorias, para lhe assegurar um equilíbrio ou uma estabilidade. A noção bachelardiana de “problemática” corresponderia bastante, mas ela não dá conta do fato que os conceitos e as categorias filosóficas do MA/ME tem um alcance global, totalizante porque fornecem uma visão do mundo e não uma

¹⁵ No original “assiette” (N. do T.).

explicação de fenômenos. Por outro lado, ela é anterior às categorias, não as determina mas lhe dá uma orientação, um uso específico. Enfim, o prato não é um fundamento último, certamente não o equivalente de um princípio de razão, mas ela traça uma percepção particular da realidade. Por exemplo, se pensarmos no materialismo das Luzes, a categoria de matéria pode se encontrar sobre um prato da necessidade, em Holbach, por exemplo, ou sobre um prato da contingência em Diderot. Ou o conceito de educação, colocado sobre um prato da necessidade em Holbach e Diderot, se opõe ao prato da contingência em Helvétius. Notemos o caso de Diderot que os pratos coexistem. Althusser mostra que ocorre o mesmo em Marx (ver *EP I*, 569-573).

Poderíamos imaginar que sem este “prato” os conceitos entrariam em colapso ou desapareceriam, como as estátuas de Dédalo, imagens de retas opiniões em Platão: não encadeadas, diz Sócrates à Menon (*Ménon*, 97d- 98a), as retas opiniões se dispersam e desaparecem da alma porque “elas têm tão pouco valor que não se as encadeiam pelo conhecimento raciocinado de sua causa” (98a). Mas no contexto althusseriano, não é a verdade (pela causa) que é determinante e o prato não tem como função garantir o acesso (pela causa) trazendo às opiniões somente retas alguma coisa que elas não têm nelas. Em qual sentido será ditto, então, que toda filosofia se apoia em um “prato”, que toda filosofia tem necessidade de um “prato” para seus conceitos? A estabilidade trazida pelo “prato” não é oposta a sua suposta volatilidade, mas ela afeta os conceitos, segundo uma diferença que depende da natureza do “prato”. Por exemplo, a formação, a gênese histórica da força de trabalho separada dos meios de produção que lhe permitem realizar-se e, realizando-se, criar valor, não terá a mesma explicação e as mesmas consequências se ela é pensada em uma história na qual a contingência domina ou em uma história governada pela necessidade. Althusser adora citar (*EP I*, 570-572) a passagem do livro I do *Capital* na qual Marx fala da necessidade para o “homem rico de ‘encontrar’ no mercado o trabalhador livre, vendedor de sua força de trabalho, e esta única condição histórica encerra uma história universal”¹⁶ Para não se deixar encantar com a metáfora, mesmo se como o diz Althusser, “só se pensa em filosofia sob metáforas”¹⁷, proponho compreender o “prato” althusseriano fazendo uma breve digressão mediante o que escreve o jovem Marx em sua Dissertação de doutorado sobre uma questão que pode esclarecer a nossa.

¹⁶ Karl Marx, *Le capital*, livre I, 2^{ème} section, chapitre IV, « 3. Achat et vente de la force de travail », p. 191, trad. fr. sous la dir. de Jean-Pierre Lefebvre à partir de la 4^{ème} édit. allemande, 1890, Paris, P.U.F.. Ver *idem* p. 190.

¹⁷ Louis Althusser, *Éléments d'autocritique*, Paris, Hachette, 1974, p. 79.

Em sua dissertação de doutorado, a Diferença da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro, Marx chega muito rápido às dificuldades relativas à identidade da filosofia da natureza nos dois atomistas e ele assinala um

estranho enigma, insolúvel. Dois filósofos ensinam absolutamente a mesma ciência, de uma maneira absolutamente semelhante, mas – que inconsequência! – eles são diametralmente opostos em tudo que concerne à verdade, a certeza, a aplicação desta ciência, *a relação do pensamento com a realidade em geral*¹⁸.

Após ter examinado as divergências entre os dois filósofos à propósito da “verdade e da certeza do saber humano”, e relativamente à sua “energia e prática científica” respectiva, ele analisa as oposições concernentes ao que ele chama “a *forma de reflexão*, que representa *a relação do pensamento com o ser, sua aproximação*”. Ele distingue então Demócrito que “emprega como forma de reflexão da realidade efetiva *a necessidade*” e Epicuro que se recusa a “reconhecer qualquer necessidade”. O resultado é que “Demócrito faz intervir a necessidade, Epicuro o acaso”¹⁹. Se a necessidade e o acaso são as duas formas de reflexão em um e no outro dos dois atomistas, isto quer dizer que a necessidade e o acaso são as formas sob as quais a natureza aparece ao pensamento. Seria entender como formas *a priori* ou categorias kantianas. Mas a ancoragem do conhecimento na sensação concede uma forma de objetividade aos conceitos da natureza. A noção de “forma de reflexão” é interessante em si: ela tem por objeto o que Engels apresentará como a questão a-histórica, transcendental da história da filosofia, a relação do pensamento com o ser.²⁰ Ela é definida por duas categorias que Marx tira dos testemunhos e dos textos, a necessidade e o acaso que exprimem menos um estado real das coisas separado da organização do conhecimento, do que o encontro dos dois. Necessidade e acaso determinam o modo o qual o pensamento se relaciona com a realidade e o qual esta se relaciona reflexivamente com o pensamento.

A “forma de reflexão” corresponde ao que Hegel chama “*die dem Denken zur Objektivität gegeben Stellungen*”, “as posições dadas ao pensamento relativamente à

¹⁸ Karl Marx, *Différence de la philosophie de la nature chez Démocrite et Épicure*, trad. de Jacques Ponnier, Éditions Ducros, 1970, p. 223 (sublinhado meu). Ver também na edição de Maximilien Rubel, *Œuvres III-Philosophie*, Gallimard, 1982, p. 24.

¹⁹ *Ibidem*, p. 228, 229, 230 (os sublinhados são de Marx). Ver édition Rubel, *op. cit.*, p. 26, 28, 29.

²⁰ Ver mais abaixo.

objetividade”²¹. E é manifesto que Engels, quando expõe o caráter primordial da “questão da relação do pensamento com o ser”, para diferenciar o materialismo e o idealismo, fala da “posição do pensamento em relação ao ser” (*Die Frage nach der Stellung des Denkens zum Sein*): Engels especifica a noção de “questão” graças ao conceito de “posição”, a questão diz respeito tanto à posição como à relação hierárquica dos termos. Geralmente, uma questão exige respostas, enquanto falar de posição significa um engajamento do pensamento para um termo da escolha e contra o outro, e nisto a posição reencontra seu sentido militar (a guerra de posições, ocupar uma posição). Ocupar uma posição em filosofia supõe um engajamento lógico, antes de ser um engajamento ontológico como, por exemplo, em favor da matéria. Evidentemente, é impossível identificar pura e simplesmente a noção hegeliana de posição com a forma de reflexão de Marx e a questão da posição de Engels. Não era o escopo desta digressão que queria mostrar que a relação do pensamento com o ser, que remonta...à Parmênides, não é considerado, com Hegel, Marx e Engels, antes de tudo, como o objeto de doutrinas mas como o engajamento prévio a toda doutrina, seu pressuposto se assim quiserem. Esta digressão nos permite compreender o que quer dizer “o prato para o materialismo.

Compreendendo o “prato” como uma tese que afirma um modo de relação privilegiada do pensamento e da realidade, nos expomos à objeção segundo a qual uma tese, como o faz de resto voluntariamente Althusser, quando ele distingue o discurso filosófico das ciências ou das ideologias²², é em sua formulação imediata perfeitamente arbitrária. Por que reter o acaso como “prato” ao invés da necessidade? Podemos responder dizendo, como Althusser, que uma tese é sempre polêmica no interior do “campo de batalha” que é a filosofia, e que é em sua contrariedade com uma outra tese, tendo a mesma pretensão de ser um “prato”, que é verificado seu valor. É por isso que uma tese engendra como consequências ou implicações que ela se justifica, do mesmo modo que ela rejeita. Além disso, a afirmação de uma tese significa que é visado um recomeço da filosofia em uma conjuntura que torna possível o feito não de “fazer tábula

²¹ Hegel, *Encyclopédie des sciences philosophiques* (1830), « Concept préliminaire », § 25. Je souligne *Stellungen*.

²² Ver Louis Althusser, *Philosophie et philosophie spontanée des savants*, Paris, François Maspéro, 1974, p. 13-16 et 55-64; *Être marxiste en philosophie*, texte elaborado por G. M. Goshgarian, Paris, P.U.F., 2015, p. 111-112, 121-127.

rasa”, mas de “fazer o vazio”²³ a fim de que sejam criadas as condições de novas ligações no pensamento e em sua relação com seu exterior, seu fora.

Não é preciso hesitar em reconhecer que um “prato” é arbitrário, ele não depende de demonstração, ele é somente principal, ele coloca teses as quais a verdade é o resultado de suas intervenções ou de seus efeitos para o conhecimento e para a prática. Expliquemos esse ponto. Vimos que o MA/ME é dirigido contra o Princípio de razão, ou mais exatamente ele se expõe à parte desse princípio, é-lhe estranho. Compreende-se que é impossível de apresentá-lo como um fundamento, uma Razão última – ou primeira. Não é então uma filosofia no sentido o qual se tem o hábito de compreender aí um corpo de doutrinas visando a dar conta dos seres em sua totalidade. Retomando o vocabulário que utilizava Althusser em sua conferência *Lénine et la philosophie*, mas que ele depositava na conta da filosofia, podemos dizer que um “prato” é constituído de posições ou de reses e que, nesse sentido, são tomadas de partido no pensamento. Logo, toda tomada de partido reflete também uma posição em relação ao exterior do pensamento. Devemos à Althusser reconhecer o problema das relações da filosofia e de seu exterior (*SP*, 61 et 63), um dos problemas mais difíceis e mais importantes para a filosofia e para os filósofos marxistas, visto que ele engaja a questão da “ligação” da teoria e das forças tomadas na luta de classes até a ditadura do proletariado. Se Marx, com a afirmação do caráter fundamental da prática, na segunda “Tese sobre Feuerbach” balançou toda filosofia, não é porque ele teria fundado uma “filosofia da *praxis*”, mas porque ele coloca a filosofia diante do que ela não pode superar, ao que sempre excede suas categorias mais asseguradas e a toma constantemente pelo avesso (ver *EP I*, 62). Logo, para escrever a segunda “Tese”, é preciso que o sujeito deste enunciado seja ele mesmo tomado, por escolha e decisão arbitrárias, em um processo que é o do acabamento/realização/desaparecimento da filosofia, no caso a de Hegel. Reconhecer, como o fez em seus textos de juventude, que a filosofia (hegeliana, isto é, o acabamento do racionalismo ocidental) chegou a seu esgotamento e que é tempo de criticá-la para “transformar o mundo”, supõe que ele escolheu o partido dos que, filósofos e não filósofos, continuam a pensar mas na perspectiva da transformação do mundo, isto é, os comunistas, fora das categorias da tradição filosófica dominante.

²³ Na distância tomada por uma posição ou um prato se estabelece um “vazio” que se torna o desafio de um combate entre as posições antagonistas. O vazio é necessário para desenvolver as consequências de sua posição. A noção de vazio é introduzida por Althusser a partir de sua conferência sobre *Lénine et la philosophie* Paris, François Maspéro, 1969, p. 51.

Retornemos ao ME/MA compreendidos doravante não como novo materialismo mas como “prato”, para o marxismo ou para todo materialismo. Se é então um “prato” nesse sentido, é menos surpreendente que suas teses se encontrem nos filósofos que não são considerados como materialistas, ou para que esta determinação lhes é estranha (Heidegger, Derrida, Wittgenstein), ou os quais a ligação ao materialismo é problemática e por esta razão polêmica, instável e produz efeitos perturbadores para o materialismo. Pensar sob a condição do aleatório ou da necessidade da contingência a história, as lutas, os próprios filósofos, as relações sociais, a constituição da subjetividade significa por um lado e, negativamente, desfazer-se das categorias racionalistas idealistas de Origem, de Sentido, de Fim, de Destinação última, de Razão suficiente, finalmente: renunciar ao privilégio abominável que a filosofia se deu, frequentemente em luta contra a religião, mas em posição de alternativa, de fundar e legitimar uma Ordem ou a Ordem das coisas e do mundo tal como vai. Positivamente, isto então significa, visto que o “prato” não é um fundamento, um começo, instalar-se na facticidade mais radical, tomar o curso das coisas em seu processo e colocar que a origem = nada (*EP I*, 561). De uma parte, a categoria de “nada” significar remontar ante o fato realizado do mundo e dos acontecimentos para pensar a realização do fato em sua completa contingência. Por outro lado, ater-se à pura facticidade significa reconhecer o primado do afirmativo, da positividade aí compreendido, evidentemente, do mal, quaisquer que sejam as suas formas. Enfim, o “prato” coloca a universalidade do “desvio” o *clinamen* de Epicuro e Lucrécio²⁴, na origem de todo encontro. Mas a vontade de Althusser de relativizar fortemente a categoria da necessidade legal o leva a susntentar que o “desvio” não pode ser primeiro. O elogio que ele endereça à Marx de ter encontrado “a expressão genial” de “lei tendencial” (da baixa taxa de lucro) o mostra: ela é capaz de infletir (não de contradizer) a primeira lei tendencial, o que significa que uma tendência não possui a forma ou a figura de uma lei linear, mas que ela pode bifurcar sob o efeito de um encontro com uma outra tendência e, assim, até o infinito. A cada intersecção, a tendência pode tomar uma via imprevisível, já que é aleatória (*SP*, 45). A categoria de tendência contém a potência permanente do desvio. O recurso que Althusser faz ao atomismo epicurista vai até mostrar que mesmo os átomos não são os primeiros, visto que antes de seu encontro

²⁴ Althusser sabe que, segundo os textos disponíveis de Epicuro, o *clinamen* permanece a invenção genial de Lucrécio. Ver *EP I*.

eles não têm realidade. Não se trata de dizer que eles não existam, mas que eles ainda não acederam à esfera da experiência do encontro e, nesse sentido, eles não são = vazio²⁵.

O materialismo do encontro: pensar sob a conjuntura

O ME/MA é o esforço que faz Althusser para propor não um novo materialismo, mas para construir, com algumas raras categorias, um espaço da pura teoria, encontrar, no fundo, o que as filosofias idealistas e materialistas pressupõem: a tese da necessidade ou a da contingência. A escolha de Althusser pelo encontro aleatório significa, por um lado, um recesso extremo das categorias de nada, vazio, desvio, tendência, e de outro, uma abertura mais exposta no exterior da filosofia, as práticas de emancipação, políticas por exemplo. O ME/MR é “requerido para pensar a abertura do mundo ao acontecimento, à imaginação inaudita e também toda prática vivente, aí compreendida a política” (*EP I*, 46). A abertura do mundo ao acontecimento é o outro nome da conjuntura, isto é, “uma conjunção, [...] um encontro aleatório de elementos em parte existentes, mas também imprevisíveis” (*SP*, 45).

Começamos, talvez, a ver onde está a novidade trazida por Althusser. Se o MA/ME é o que permite pensar a conjuntura em sua radical imprevisibilidade, é porque está aberto aos desvios e aos encontros e que, por isso, supõe um pensamento o qual a “lógica” não é nem dialética nem transcendental, mas a da conjunção (encontro) e da contrariedade (desvio). Esta novidade é, sem dúvida, difícil de perceber porque ela implica um pensamento que podia ter curso em um pensamento estratégico, o qual Maquiavel pode fornecer o paradigma: o da conjuntura que reúne contrários como a estabilidade das coisas do mundo e as vicissitudes dessas mesmas coisas do mesmo mundo. Althusser, na conferência dada sobre Maquiavel, dizia querer mostrar que Maquiavel é um grande filósofo, semelhantemente aos maiores, embora reconhecendo sua “solidão”²⁶. Embora realizando esse programa concernente à Maquiavel, Althusser foi levado a passar, como se tivesse seguido um anel de Möbius, da filosofia enfim descoberta do autor d’*O Príncipe* à determinação do ME/MA como “prato”, centrada

²⁵ Seria interessante esclarecer a distinção entre existir e ter realidade pelo conceito de inexistência de Badiou: inexistência no sentido de in-existir.

²⁶ Permito-me assinalar que escrevi a esse respeito, in *La Pensée*, « Althusser, 25 ans après », n° 382, avril/juin 2015.

sobre a categoria de conjuntura²⁷. Tal foi a lição de Maquiavel: é a conjuntura que governa o mundo e o pensamento do mundo. As recusas em prestar atenção aos textos do último Althusser ou de lê-los “caridosamente” sejam, talvez, porque este pensamento é profundamente não religioso, nem fundando nem legitimando nada, não sustentando seu exercício em nenhuma promessa de Reconciliação nem de garantia de uma Realização. É completamente notável que o padre Stanislas Breton, filósofo amigo de Althusser e padre da congregação dos padres passionistas, possa sugerir que a especificidade desse novo materialismo consiste em questioner nos anos 1984-1985 o “círculo encantado que liga, com uma solidariedade inabálavel, a teologia e a filosofia, a ontologia e a ideologia” na qual se atinha a própria fé radical da Teologia da libertação²⁸ (165). O filósofo do aleatório “assiste a tudo o que se passa, de maneira imprevista, aleatória e registra seqüências de encontros aleatórios” a fim de tirar “constants gerais que permitem, por sua variação, apreender o verdadeiro de tal ou tal caso” (SP, 65-66), diz Althusser, definindo muito bem o que poderia ser chamado de uma prática clínica da filosofia.

Perguntar-se-á, para terminar, porque ter, apesar de tudo, o termo “materialismo”. Sem evocar as múltiplas respostas possíveis, desejo privilegiar uma, concluindo. Olivier Bloch explica que uma das características de toda filosofia materialista é o reconhecimento que o real é estruturado segundo princípios independentes do espírito e não produzidos por ele.²⁹ Diderot o dizia em sua linguagem: “não é preciso confundir o possível como ideia e o possível na natureza” o qual o grande texto de Marx sobre “Méthode de l'économie politique” da *Critique de l'économie politique* de 1859 é como o eco: é preciso distinguir o processo da produção do conhecimento da realidade e o processo de produção da realidade. Em última análise, é sempre, para um materialista, o real (seja qual for o nome que lhe deem, se resume à produção dos homens por eles

²⁷ É em função da análise apresentada aqui do “prato” que é o MA/ME que devo renunciar a escrever que é, antes de tudo, uma ontologia. Em compensação, que tenha efeitos sobre uma ontologia do encontro generalizado e da contingência dos encontros é uma consequência aceitável. Mas vale mais destacar, parece-me, o fato que com o materialismo do encontro a filosofia passe em um estatuto inédito, difícil talvez de ser aceito por filósofos, o de uma filosofia que não é mais uma, visto que se renuncia a assumir sua muito antiga função : dire o Sentido, o Verdadeiro, a Ordem desde sua Origem e seu Fim, segundo a necessidade das razões da Razão. Nova "ferida narcísica" talvez.

²⁸ Ver Stanislas Breton, « Althusser et la religion », in *Althusser philosophe*, dir. Pierre Raymond, Paris, Actuel Marx/Confrontation, P.U.F., 1997, p. 165.

²⁹ A questão da produção do pensamento pelo real, ou o que exterior a ela, é um outro problema tão temível como é o da produção do ser pelo Eu. Em compensação, a intervenção do real no pensamento é o objeto da psicanálise (com Lacan, em particular). Slavoj Žižek pôde mostrar que a doutrina do último Schelling em *Les âges du monde* sobre o fundamento pré-ontológico do *Logos*, é materialista. Ver *Essai sur Schelling, le reste qui n'éclôt jamais*, trad. d'Élisabeth Doisneau, Paris, L'Harmattan, 1996.

mesmos em condições determinadas, isto é, a categoria da prática) que decide e do valor epistemológico dos conceitos e da justeza das categorias filosóficas, de modo que, à questão de saber se a ordem de exposição dos conceitos deve seguir a ordem histórica de aparição das formas econômicas ou, ao contrário, ser apresentado segundo um encadeamento lógico racional, Marx pode escrever: “Isso depende”. Althusser aí vê um belo exemplo de atitude fiel aos efeitos do aleatório no campo da lógica e da epistemologia (*SP*, 43-44).

Os textos de Althusser sobre o MA/ME são, ao mesmo tempo, muito ricos, sugestivos, rápidos e enigmáticos. É preciso ter em conta que são elementos que pediam desenvolvimentos, precisões e, talvez, retificações. Ainda que o seja, é claro que o materialismo do encontro representa uma tentativa de ir além de Marx e de lançar as bases para um modo de praticar a filosofia como uma clínica de nosso tempo, disponível por ações para emancipação sob todas suas novas formas.

Referências bibliográficas:

ALTHUSSER, Louis. *Sur la philosophie*, Paris, Gallimard/NRF, 1994; « Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre », in *Études philosophiques et politiques*, tome I, présentés par François Matheron, Paris, Stock/IMEC, 1994; « Du matérialisme aléatoire », in *Multitudes*, n° 21, été 2005.

BOURDIN, Jean-Claude. - « The uncertain materialism of Louis Althusser », in *Graduate Faculty Philosophy Journal*, New School for social research, vol. 22, n°1, New York, 2000 (en anglais); « La rencontre du matérialisme et de l’aléatoire chez Louis Althusser », *Multitudes*, n°21, été 2005; « Présentation » de *Althusser : une lecture de Marx*, coordonné par Jean-Claude Bourdin, Paris, PUF, « Débats philosophiques », 2008; « Matérialisme aléatoire et pensée de la conjoncture », in *Althusser : une lecture de Marx*, coordonné par Jean-Claude Bourdin, Paris, PUF, « Débats philosophiques », 2008; « Vers un matérialisme de la rencontre ? », in *Europe*, « Marx et la culture », Paris, n° 988-989, août-septembre, 2011; « Althusser épicurien ? », in *Lucrèce et la modernité*, sous la direction d’Alain Gigandet, Paris, Armand Colin, 2013; « Machiavel philosophe sans guillemets », in *La Pensée*, « Althusser, 25 ans après », n° 382, avril-juin, 2015.

GOSHGARIAN, G. M. Introduction à L. Althusser, *Philosophy of the Encounter. Later Writings, 1978-1987*, Londres, Verso, Juillet 2006 », trad. française In *Cahiers du GRM* : <http://journals.openedition.org/grm/679> ; DOI : 10.4000/grm.679.

IBRAHIM, Annie. (dir.) *Autour d’Althusser. Penser un matérialisme aléatoire: problèmes et perspectives*, Paris, Le Temps des Cerises, 2012 (contributions d’André Tosel, « Matérialisme de la rencontre et pensée de l’évènement-miracle », Jean-Claude Bourdin, « Ce que fait la rencontre au matérialisme et à la philosophie », Irène Pereira

Jean-Claude Bourdin

« Une contestation sans lois de l'histoire ni téléologie: la radicalité pragmatique dans les mouvements sociaux du XXI^e siècle, Isabelle Garo, « " Il pleut " — Matérialisme de la rencontre et politique du vide chez le dernier Althusser »)

MATHERON, François. « La récurrence du vide chez Louis Althusser », in Louis Althusser, *Machiavel et nous*, Paris, Texto, 2009.

MORFINO, Vittorio. « La causalité structurelle », in *La Pensée*, « Althusser, 25 ans après », n° 382, avril-juin, 2015.

PIPPA, Stefano. *Althusser Contingency*, Mimesis International, Philosophy N°27, 2019

TOSEL, André. « Les aléas du matérialisme aléatoire dans la dernière philosophie de Louis Althusser », in *Sartre, Lukacs, Althusser, des marxistes en philosophie*, Eustache Kouvelakis et Vincent Charbonnier, dir., Paris, P.U.F., 2005, traduit en anglais, « The hazards of aleatory materialism and the philosophy of the encounter », in *Encountering Althusser, Politics and Materialism in Contemporary Radical Thought*, edited by Diefenbach, Katja et al. London and New York, Bloomsbury, 2013.